

GT 8 - Outros Temas Correlatos ao Secretariado
Temas gerais aplicáveis ao Secretariado

A INTERNACIONALIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR NA PERSPECTIVA DE ESCRITÓRIOS DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Debora Liessem Vigorena

Unioeste, dvigorena2@gmail.com

Patricia Stafusa Sala Battisti

Unioeste, patricia.battisti@unioeste.br

Resumo: Este estudo tem como objetivo compreender as principais motivações, impactos esperados e os desafios à estratégia de internacionalização no Ensino Superior, sob a perspectiva de responsáveis por escritórios de relações internacionais de instituições de ensino superior (IEs). Ressalta-se que o tema da internacionalização tem recebido maior relevância no ensino superior, uma vez que representa um meio para diferentes ganhos institucionais. Nesse sentido, novas concepções sobre o processo de internacionalização são estudadas, tendo em vista as razões pelas quais as IEs buscam a internacionalização. Somado a isso, há interesse em saber como os resultados desse processo são avaliados, assim como os principais desafios nessa direção. Para avaliar as motivações, impactos esperados e os desafios à internacionalização, aplicou-se uma entrevista semiestruturada a sete responsáveis pela coordenação de escritórios internacionais de instituições de ensino, localizadas nos EUA e Argentina. Essas entrevistas foram realizadas num evento internacional e a participação na pesquisa foi por adesão. Ademais, utilizou-se a análise de conteúdo para compreender os registros obtidos. Os resultados apontaram que as principais motivações das IEs para internacionalizar são de natureza acadêmica/institucional e/ou sociocultural.

Palavras-chave: Internacionalização do ensino superior. Escritórios internacionais. Desafios à internacionalização.

1 INTRODUÇÃO

A internacionalização não é um termo novo ao Ensino Superior, no entanto, cresce a valorização de aspectos internacionais e interculturais na concepção de currículos acadêmicos e no processo de ensino-aprendizagem. Segundo Knight (2008) isso se deve, principalmente, ao fato de que a internacionalização contribui para maior qualidade e relevância da educação superior. De forma complementar, Morosini (2006, p. 109) ressalta que, embora a internacionalização das universidades seja um tema antigo nessas instituições, principalmente em relação à produção científica, “[...] é a partir da década de 1990, com o processo de globalização, que a internacionalização da educação superior vem se fortificando no panorama mundial”. Nesse sentido, trata-se de um processo de internacionalização que vai além da produção científica, abrangendo também as atividades de ensino e de extensão universitária. Assim, entende-se que há necessidade de desenvolvimento de novas competências institucionais, principalmente relacionadas à inovação do currículo para atender às demandas da internacionalização, bem como a mensuração de resultados advindos do processo da internacionalização de uma forma geral.

A inovação do currículo se soma às iniciativas governamentais brasileiras em direção à internacionalização do Ensino Superior, como a de criação do programa Ciência Sem Fronteiras (CsF) no ano de 2011. Esse programa foi uma iniciativa do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) junto com o Ministério da Educação (MEC), apoiado pelas suas respectivas instituições de fomento CNPq e Capes. O principal objetivo desse programa é promover a consolidação, a expansão e a internacionalização da ciência e tecnologia, da inovação e da competitividade brasileira, por meio do intercâmbio e da mobilidade internacional de discentes da graduação e de pós-graduação. Ademais, uma outra vertente desse programa é a atração de pesquisadores do exterior para o estabelecimento de parcerias com pesquisadores brasileiros, assim como oportunidades para que pesquisadores de empresas recebam treinamento especializado no exterior (BRASIL, 2011).

A criação do programa Ciência Sem Fronteiras foi uma ação do governo brasileiro que teve como um de seus objetivos apoiar as universidades ao atendimento de diretrizes propostas, em 2007, no Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais - Reuni. O artigo 2º, inciso II, estabelece a seguinte diretriz: “ampliação da mobilidade estudantil, com a implantação de regimes curriculares e sistemas de títulos que possibilitem a construção de itinerários formativos, mediante o aproveitamento de créditos e a circulação de estudantes entre instituições, cursos e programas de educação superior” (BRASIL, 2016).

Para além da oferta de programas de internacionalização há necessidade de se avaliar resultados. Segundo Beerkens (et al. 2010), a internacionalização no ensino superior tem demandado o estabelecimento de indicadores tanto quantitativos quanto qualitativos. Esses autores ainda ressaltam que há necessidade de se avaliar impactos associados à internacionalização.

Neste contexto é que se fundamenta o problema de pesquisa, uma vez que acredita-se que a internacionalização amplia as possibilidades de melhorias no ensino-aprendizagem, preparando futuros profissionais que reúnam competências para atuar no mercado de trabalho nacional e internacional, bem como sejam capazes de se relacionar com uma sociedade cada vez mais multicultural diante de fatores de globalização. Sendo assim, este estudo busca avaliar as principais motivações, impactos esperados e os desafios à estratégia de internacionalização no Ensino Superior, sob a perspectiva de responsáveis por escritórios de relações internacionais de IEs.

Para além desta introdução, os próximos tópicos contemplam uma breve explanação sobre o conceito de internacionalização, em seguida apresenta-se a metodologia utilizada neste estudo; a discussão-análise dos resultados obtidos; e as considerações finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo são apresentados os principais conceitos sobre a internacionalização no Ensino Superior; as motivações para internacionalizar e a necessidade de estabelecer-se indicadores para mensuração das atividades.

2.1 A INTERNACIONALIZAÇÃO NO ENSINO SUPERIOR

O conceito de internacionalização já foi estudado por diferentes pesquisadores que realizaram seus estudos em instituições do Ensino Superior situadas na Europa, nos EUA e na

América Latina. Destacam-se Knight (1994, 1997, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008); Van der Wende (1999); de Wit (2011) e Van der Werf (2012).

Para Knight (1994, p. 3), que vem estudando o tema desde o início da década de 1990, o conceito de internacionalização do Ensino Superior significa o “[...] processo de integração de uma dimensão internacional ao ensino, pesquisa e outras atividades prestadas por uma instituição de ensino”. Ademais, ressalta-se que o termo internacionalização não é novo, uma vez que esteve presente por muitos anos nas relações governamentais, mas foi apenas no início da década de 1980 que sua popularização se disseminou no setor da educação. Durante a década de 1960, por exemplo, os termos utilizados foram: “cooperação internacional” e “relações internacionais”. Já na década de 1990, a percepção sobre internacionalização no Ensino Superior sofre mudanças, impulsionadas principalmente pelos seguintes fatores: desenvolvimento de novas relações internacionais e consórcios; crescimento contínuo do número de estudantes, professores e pesquisadores em programas de mobilidade; aumento do interesse na inserção de conteúdo internacional e multicultural no currículo; novas políticas em âmbitos nacional e regional, direcionadas ao incentivo da educação internacional; entre outros.

Diante desses desafios, a internacionalização deve ser concebida como um processo que ocorre nos níveis nacional, setorial e institucional, buscando integrar fatores de natureza internacional, intercultural e global às políticas e aos programas que garantam sustentabilidade e centralidade na definição da missão e dos valores da instituição. O fator internacional refere-se, estritamente, ao estabelecimento de relacionamentos entre nações, culturas e países; o fator intercultural abrange administração de aspectos da diversidade cultural presentes nessas relações; e o fator global revela o sentido de alcance mundial. Pode-se afirmar que esses três fatores se complementam e juntos são capazes de denotar a abrangência e o alcance do processo de internacionalização (KNIGHT, 2008).

Ainda segundo Knight (2008), o termo internacionalização, quando aplicado à educação superior, apresenta diferentes interpretações:

- a) conjunto de atividades, como, por exemplo, mobilidade para estudantes e professores; parcerias e projetos internacionais, novos programas acadêmicos internacionais e iniciativas de pesquisa;
- b) oferta de ensino em diferentes países de forma presencial ou não presencial, bem como a consolidação de um *campus* no país de interesse;
- c) concepção de um currículo que inclua as dimensões internacional, intercultural e global;
- d) desenvolvimento de projetos que concebem a internacionalização como uma atividade de relação comercial com outros países.

Outro conceito é apresentado por Altbach, Reisberg e Rumbley (2009), em um relatório preparado para o Congresso Mundial da Unesco sobre Educação Superior, realizado em 2009, em que a internacionalização é definida como a variedade de políticas e de programas que as universidades e os governantes operacionalizam em resposta à globalização. Alguns exemplos dessas práticas são: envio de estudantes para estudar no exterior, a criação de um *campus* no exterior ou alguma parceria internacional.

Outros conceitos importantes sobre o processo de internacionalização, são apresentados por autores como Wit (2011); Beelen (2015, 2016), que conceituam a “internacionalização abrangente”. Nessa concepção as atividades de internacionalização são consideradas um compromisso que deve gerar atitude entre os discentes, docentes e técnicos.

2.1 MOTIVAÇÕES PARA A INTERNACIONALIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR

De acordo com de Wit (2002), que aprofundou sua pesquisa nos Estados Unidos e em países da Europa, as motivações ou razões que impulsionam a internacionalização do ensino superior podem ser divididas em quatro grandes grupos: socioculturais, acadêmicas/institucionais, políticas e econômicas.

As razões socioculturais estão condicionadas à natureza dos diferentes países, mas, em geral, a internacionalização representa um meio para a conscientização de que é necessário haver uma relação de interdependência entre as pessoas e as sociedades de forma a conviver com os fatores interculturais envolvidos no processo.

Quanto às razões acadêmicas/institucionais, salienta-se que a internacionalização representa um meio para promover, junto à comunidade acadêmica, as habilidades de conhecer, apreciar e articular os fatores que advêm da interdependência entre as nações. Ademais, de preparar o corpo docente, estudantes e técnicos da universidade quanto às competências necessárias para conviver em um contexto internacional e intercultural. Outros fatores relacionados a essas razões são: aprimoramento de qualidade de ensino e pesquisa; alcance de *rankings* internacionais; participação em pesquisas internacionais, ensino, extensão e parcerias institucionais.

Já as razões políticas estão relacionadas ao estabelecimento de parcerias como uma forma de investimento diplomático para futuras relações políticas. Esse tipo razão remonta ao pós-guerra (Segunda Guerra Mundial), em que a internacionalização era motivada pela necessidade de assistência técnica para promover o desenvolvimento dos países, assim como um instrumento para manter boas relações diplomáticas. Somado a isso, a internacionalização ainda seria uma forma de os países promoverem uma identidade nacional e outra global por meio da educação.

Finalmente, as razões econômicas se concentram nos ganhos que podem ser obtidos por meio da internacionalização do Ensino Superior, principalmente quanto ao desenvolvimento tecnológico e ao desenvolvimento econômico.

Outras razões são apontadas por Abdullahi, Kajberg e Virkus (2007), ao afirmarem que estas estão essencialmente relacionadas ao interesse das universidades em promover aproximação com outras culturas, línguas, ideias, pessoas e o compartilhamento de conhecimento.

Salienta-se que Knight (2004) está de acordo com a divisão realizada por de Wit (2002) quanto às categorias de razões para a internacionalização do Ensino Superior, socioculturais, acadêmicas/institucionais, políticas e econômicas, respectivamente. Essa autora aponta que outra categoria poderia ser somada, a qual pudesse revelar o interesse da universidade em buscar uma forte reputação internacional para conseguir competir por alunos e por recursos, por exemplo.

Finalmente, cabe destacar as razões para internacionalizar que foram listadas pela Associação Internacional de Universidade – IAU (2014), uma associação global de instituições de Ensino Superior que, dentre outras atividades, realiza periodicamente uma *survey* internacional para documentar, analisar e compreender o caminho que a internacionalização do Ensino Superior tem percorrido. Segundo Egron-Polak, Hudson e Gacel-Ávila (2010), no relatório da *IAU 3rd Global Survey*, as principais razões apontadas pelas universidades pesquisadas foram: melhorar a preparação dos alunos; internacionalização do currículo,

promover a pesquisa; diversificar a origem do corpo docente/funcionários; aumentar o número e diversificar a origem dos estudantes; diversificar as fontes de renda e responder a políticas públicas.

Pode-se afirmar que ante tantas razões que podem ser delineadas para compreender a real motivação das universidades para internacionalizar, fica evidente a importância de haver clareza sobre cada uma delas para que, assim, os resultados possam ser mensurados.

2.2 MENSURAÇÃO DA INTERNACIONALIZAÇÃO NO ENSINO SUPERIOR

Salienta-se que o estabelecimento de indicadores de internacionalização representa a constituição de unidades operacionais de análise para medir o desempenho de uma empresa ou instituição de ensino nessa atividade. Nesse sentido, ao considerar que a internacionalização do Ensino Superior é um processo, conforme salienta Knight (2003), constituído de *inputs*, desenvolvimento e *outputs*, é esperado que cada um desses elementos se diferencie entre países e entre instituições. Ademais, quando se busca avaliar a efetividade do processo, há necessidade de aferição de resultados.

Em âmbito internacional, o Parlamento Europeu (2015) declara preocupação em avaliar resultados da internacionalização do Ensino Superior. Para tanto, esse órgão fomentou a realização de um estudo por parte dos pesquisadores de Wit, Hunter e Coelen (2015), com o objetivo de delinear as estratégias de internacionalização do Ensino Superior, em especial na Europa. Trata-se de um estudo que fornece uma visão geral das principais tendências das estratégias em diferentes níveis, bem como as motivações para a internacionalização e rumos futuros. Dentre os desafios que se apresentam, podem ser citados: aumento da qualidade e diversidade dos programas envolvendo a mobilidade de estudantes e de técnico-administrativos da instituição de ensino, amplo desenvolvimento da internacionalização do currículo e aferição de resultados relacionados e comprometimento contínuo no estabelecimento de parcerias éticas e igualitárias com outras instituições.

Um exemplo de estudo internacional sobre indicadores para avaliar a internacionalização em instituições de Ensino Superior, neste caso, apoiado por iniciativas governamentais, é o projeto desenvolvido pelos pesquisadores Beerken et al. (2010), com apoio da Comissão Europeia. Esse projeto é intitulado *Indicators for Mapping & Profiling Internationalisation (IMPI)* e teve como objetivo estabelecer um conjunto de indicadores para mapear os perfis de internacionalização de instituições de ensino europeias de forma a lhes proporcionar uma visão sobre seu perfil individual de desempenho na internacionalização e ações de melhoria nesse sentido. Para tanto, foram compilados indicadores utilizados por diferentes instituições de ensino e/ou fomento na Europa e no Japão, os quais representaram uma base para a composição do projeto IMPI.

Para Beerken et al. (2010), o estabelecimento de indicadores de internacionalização é patente por três motivos principais. Primeiramente, porque as atividades de internacionalização do Ensino Superior não podem ser avaliadas com maior ênfase aos números obtidos com a mobilidade acadêmica, então os líderes e gestores de instituições de ensino precisam de um novo conjunto de indicadores para avaliar as atividades de internacionalização. Outro motivo está relacionado com um crescente processo de autonomia universitária, que tem impelido as instituições de ensino europeias a incluir a dimensão internacional em seus processos como um diferencial para atração de investimentos. O último fator se refere à busca por maior reputação

e por melhores *rankings*, um caminho onde a internacionalização é vista como um indicador que agrega valor qualitativo à avaliação institucional.

As principais características dos indicadores encontrados por Beerken et al. (2010) abrangem atividades de *inputs* que são definidos como os recursos disponíveis para apoiar os esforços em internacionalização; os *outputs* estão relacionados aos *inputs* porque um esforço espera algum tipo de resposta que representa um *output*, como, por exemplo, o número de estudantes que participaram de algum intercâmbio ou ainda a quantidade de projetos internacionais existentes na instituição. Um último indicador a ser medido seriam os *outcomes* que podem ser considerados o resultado final das atividades de internacionalização. Os *outcomes* se diferenciam dos *outputs* porque não estão diretamente ligados aos *inputs*, à medida que buscam avaliar todas as conquistas alcançadas durante o processo. Um exemplo de *outcome* relacionado aos objetivos estratégicos da instituição poderia ser representado pelos recursos financeiros obtidos com as atividades de internacionalização ou pelos benefícios que a instituição ou programa oferece à comunidade local. Segundo esses autores, apenas algumas das universidades/instituições de fomento à pesquisa técnico-científica medem *outcomes*, que possibilitam avaliação de impactos da internacionalização. A maioria se detém ao estabelecimento de *inputs* e *outputs* e, quando abrangem os *outcomes*, restringem-se a medir essencialmente a competência intercultural dos estudantes e de uma forma pouca objetiva.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo é exploratório-descritivo, de natureza qualitativa. A coleta de dados foi realizada por meio de uma entrevista, individual e presencial, com os responsáveis pelos escritórios internacionais de universidades que aderiram à pesquisa, durante a 28ª Conferência da Faubai (Associação Brasileira de Educação Internacional), realizada na cidade de Fortaleza/Ceará. Ao total foram realizadas sete entrevistas com os diretores de escritórios internacionais, quatro dos EUA e três da Argentina.

A entrevista foi semiestruturada contendo as seguintes questões: quais são as principais razões para a internacionalização do ensino superior?; quais são os principais indicadores para a avaliação de resultados das atividades de internacionalização do ensino superior?; e quais são os principais desafios quanto à internacionalização do Ensino Superior?

Para realizar o tratamento e a análise dos dados obtidos por meio das entrevistas foi adotada a análise de conteúdo, respeitando-se os passos de organização da análise de Bardin (2010), passos os quais incluem: pré-análise; exploração do material; e tratamento dos resultados, o que envolve a inferência e a interpretação.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A primeira entrevista foi realizada com o diretor do escritório de relações internacionais da *Georgia College & State University* – EUA (entrevistado A). O entrevistado A revela que as razões para internacionalizar estão baseadas nas crenças das pessoas, pois são fundamentais para definir se a internacionalização será uma política prioritária ou não à instituição.

Quanto aos indicadores de resultados, segundo o entrevistado A: “[...] estes não estão claros em nossa universidade. Percebo que um resultado importante é a aprendizagem do aluno em uma experiência de intercâmbio, mas é difícil avaliar o quanto este aprendeu e quais as competências desenvolvidas. Além disso, a aprendizagem entre os alunos estrangeiros que

estão na universidade e os alunos locais também permite uma experiência rica por meio da promoção de atividades extracurriculares. Outro resultado pode estar relacionado à reputação e prestígio da instituição que a internacionalização possivelmente fomentará. Não obstante, o critério de escolha dos alunos para estudar em uma instituição nem sempre é baseado nesses indicadores, pois, a localização da universidade, por exemplo, poderá ser mais importante” (tradução dos autores).

Um dos maiores desafios à universidade, na perspectiva do entrevistado A, é obter o envolvimento efetivo de todos no processo de internacionalização, pois há recursos financeiros e humanos disponíveis. Quanto aos recursos humanos, estes totalizam aproximadamente 125 (cento e vinte e cinco) colaboradores à disposição no escritório de relações internacionais. No ensino, isso é possível de ser percebido quando alguns professores não se mostram interessados em encontrar meios de promover a integração de um aluno estrangeiro à turma. Na pesquisa, a “falta de envolvimento dos professores se deve principalmente ao pouco interesse em publicar fora dos EUA”.

A entrevistada B está vinculada ao escritório de relações internacionais da *The University of North Carolina Greensboro-EUA* e afirma que: “antigamente a internacionalização era medida pelo número de relacionamentos que uma universidade mantinha com outras instituições. Atualmente, esta já é parte do currículo dos cursos e o corpo docente está consciente que é necessário mostrar aos alunos que o mundo globalizado exige competências interculturais. As razões para a internacionalização do Ensino Superior dizem respeito à necessidade de nos relacionarmos em um mundo sem divisões geográficas ou culturais” (tradução dos autores).

Quanto aos resultados, a entrevistada B afirma que a universidade se preocupa em avaliá-los de forma mais qualitativa que quantitativa e que isso faz parte do planejamento estratégico da instituição. Ressalta ainda que, antes de planejar qualquer tipo de avaliação de resultados, é preciso verificar o que é realizado em termos de *inputs* para que tudo seja coerente. Do contrário, não adianta pensar em *outcomes*. Nesse sentido, há um grande desafio a enfrentar, uma vez que existem recursos institucionais disponíveis às atividades de internacionalização e se faz necessário saber utilizá-los e medir resultados dos investimentos realizados.

A entrevistada B revela ainda que 10% dos alunos da universidade são estrangeiros e que, para eles, a instituição oferece um amplo apoio para providenciar a documentação legal necessária, mas ainda há muito para ser realizado como, por exemplo, atividades de integração dos estrangeiros à convivência com os estudantes locais.

A entrevistada C é da *Universidad de San Martín* – Argentina e ressalta que: “as razões para internacionalizar estão relacionadas à melhoria do ensino acadêmico e ao aumento do prestígio da instituição não apenas no que se refere ao ensino, mas também à pesquisa. Diante disso, a principal estratégia da universidade baseia-se no estabelecimento de parcerias internacionais e se mantém em consonância às políticas nacionais sobre o tema” (tradução dos autores).

Os resultados da internacionalização ainda não são devidamente avaliados, mas as iniciativas para o alcance deles estão bem definidas. Alguns exemplos dessas iniciativas são: 25% do orçamento da instituição destina-se à promoção das atividades de internacionalização, destacando-se investimentos altos para a captação de recursos humanos que atuem nesse processo e para a infraestrutura necessária, bem como a clara definição das áreas estratégicas para desenvolvimento.

28 A 30 DE OUTUBRO DE 2021

“REDES DE COLABORAÇÃO CIENTÍFICA NO SECRETARIADO: O QUE PODEMOS FAZER PARA A PROFISSÃO DO AMANHÃ?”

Os maiores desafios estão relacionados aos fatores internos à instituição, como é o caso do envolvimento do corpo docente no processo de internacionalização. De acordo com a entrevistada, os cursos de graduação e de pós-graduação recebem a visita de professores estrangeiros, há disponibilização de textos em outras línguas, algumas disciplinas são ministradas em inglês, francês ou português e até alguns cursos oferecem dupla titulação, no entanto o desafio de envolver as pessoas nessas atividades é constante. Segundo a entrevistada C, “*estamos trabajando para que dentro del nuevo plan estratégico institucional, uno de los ejes principales, sea la internacionalización*”.

A entrevistada D é da *Universidad Estadual del Noroeste de Buenos Aires (Unoba)* – Argentina e revela que as principais razões para internacionalizar se associam ao plano de desenvolvimento institucional, o qual almeja aumentar as atividades relacionadas ao tema nos próximos cinco anos.

Os resultados da internacionalização ainda não podem ser mensurados precisamente, embora sejam importantes à instituição. Isso se justifica porque: “a universidade ainda está em fase de planejar iniciativas para promover o processo de internacionalização. Essas atividades estão baseadas, principalmente, no estabelecimento de parcerias para realização de mobilidade, na adequação do currículo para inserção de questões globais e na oferta de cursos de línguas estrangeiras aos professores e alunos (tradução dos autores).

Quanto aos desafios principais, a entrevistada D afirma que se referem à superação da burocracia institucional para a validação dos estudos realizados no exterior; manutenção do constante engajamento dos docentes e técnicos; bem como a obtenção de recursos financeiros para investir na internacionalização, a iniciar por questões básicas como a construção de alojamento para recepção de estudantes.

De acordo com a entrevistada E, vinculada à *Longwood University* – EUA, as razões para a universidade internacionalizar são diversas e refletem as razões atribuídas pelos indivíduos que fazem parte do processo de internacionalização.

Já os resultados da internacionalização são medidos pelo escritório de relações internacionais apenas por meio de indicadores quantitativos, pois os indicadores qualitativos de resultados são mais complexos e precisam ser claramente definidos antes de serem mensurados. A complexidade de avaliar o quanto um aluno aprendeu em sua experiência no exterior demanda um longo tempo, pois os resultados não são percebidos no curto prazo.

O maior desafio à universidade e que se estende às demais é: “[...] ultrapassar os resultados que interessam apenas aos escritórios de internacionalização. Para isso é necessário conhecer o conceito de internacionalização abrangente que tem como premissa principal o envolvimento de todos os membros da universidade no processo de internacionalização. Um exemplo desse envolvimento é respeitar as diferenças entre os alunos estrangeiros e locais e também aproveitar essas diferenças para aprendizagem mútua, por meio de atividades de integração entre alunos, professores, técnicos da universidade e comunidade local” (tradução dos autores).

O entrevistado F está vinculado à *Universidad del Salvador* – Argentina. Em relação às razões para internacionalizar, o entrevistado revela que as principais são: possibilitar a mobilidade discente/docente e a obtenção de titulação dupla, portanto os esforços da instituição se concentram no estabelecimento de parcerias.

Os resultados da internacionalização são avaliados não apenas pelos números de mobilidade e as parcerias realizadas, mas também se espera promover aprendizagem por meio da integração entre os alunos estrangeiros e os alunos locais: “um exemplo de promover essa

integração é a oferta de disciplinas ministradas em inglês aos estudantes argentinos e em espanhol aos estudantes estrangeiros, assim, os alunos podem aprender também sem a necessidade de sair do país. Para que isso seja possível há apoio de um escritório de relações internacionais que além de dar suporte aos alunos estrangeiros também promove atividades de integração destes ao ambiente acadêmico” (tradução dos autores).

Quanto aos principais desafios, segundo o entrevistado F, antes de avaliar resultados, há muito por superar. Há necessidade de buscar por maior reciprocidade de mobilidade entre os países com os quais a universidade mantém parcerias/convênios; bem como superar barreiras culturais entre todos os membros da instituição para que não haja nenhum tipo de discriminação em relação aos estrangeiros.

O entrevistado G é da *San Francisco State University* – EUA, que salienta que as principais razões para a internacionalização da universidade estão associadas ao seguinte objetivo institucional: “*To provide to San Francisco State University’ faculty and staff with international perspectives, experiences and competences*”. Ou seja, assegurar que a universidade irá prover aos alunos uma equipe de técnicos e um corpo docente com competências globais e interculturais.

Quanto aos resultados da internacionalização, o entrevistado G afirma que são avaliados de forma abrangente, baseados no aumento da inserção de elementos globais e interculturais no currículo dos cursos; domínio de línguas estrangeiras por parte dos alunos, professores e técnicos e no alcance de amplo envolvimento de todos no processo de internacionalização. Para tanto, os esforços da universidade se concentram na realização de atividades de integração dos alunos estrangeiros com todo o meio acadêmico, como, por exemplo, a realização de um seminário anual de integração que se soma à realização de palestras e atividades culturais que perduram ao longo do ano.

De acordo com o entrevistado G, o maior desafio à universidade atualmente é elaborar um planejamento estratégico de internacionalização que não se limite apenas ao estabelecimento de objetivos, mas, sim, defina valores claros sobre como a internacionalização deve ser conduzida e as competências necessárias para isso.

Descritos os principais fragmentos das entrevistas obtidas, segue a análise de conteúdo. De acordo com Bardin (2010), a primeira fase da análise de conteúdo é a pré-análise, que tem como objetivo organizar as ideias iniciais sobre o tema investigado, de forma a reunir informações fundamentais para a condução das etapas sucessivas de análise. Ademais, é necessário definir o *corpus* de análise, que é o conjunto de documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos. Sendo assim, o *corpus* de análise desta investigação reúne as sete entrevistas realizadas na conferência da 28ª Conferência da Faubai (Associação Brasileira de Educação Internacional) junto aos responsáveis pelos escritórios de internacionalização de instituições de ensino superior.

Um passo importante ainda na primeira fase, após a seleção do *corpus*, segundo Bardin (2010), é a preparação do material para tratar as informações coletadas. Na segunda fase é realizada a exploração do material que consiste em operações de codificação, decomposição ou enumeração, em função de regras previamente formuladas. Bardin (2010) explica que essas regras são estabelecidas pelo pesquisador de acordo com os objetivos de análise. Primeiramente, há necessidade de estabelecer as unidades de registro que correspondem ao segmento de conteúdo a considerar como unidade de base, palavras-chave ou enunciados temáticos, por exemplo. É essencial ainda determinar a unidade de contexto que serve para codificar a unidade de registro, por exemplo, ser a frase para a palavra e o parágrafo para o

tema. Assim, escolhidas a unidade de registro e de contexto, poderá ser efetuada a primeira categorização.

Ressalta-se que Bardin (2010) apresenta dois caminhos para seguir com a análise de conteúdo, um deles é quantitativo e outro é qualitativo. No primeiro é preciso avaliar a frequência da unidade de registro determinada e, na segunda são levadas em consideração as inferências e os diversos temas ou palavras que podem ser encontrados. Em vista disso, nesta investigação, optou-se pela análise de conteúdo qualitativa, especificando o tema como a unidade de registro e o parágrafo como unidade de contexto.

Para dar continuidade aos passos seguintes da análise de conteúdo, é necessário apresentar as categorias iniciais investigadas, que representam o ponto de partida, passando pelas categorias intermediárias até se chegar às categorias finais. Ressalta-se que as categorias iniciais foram previamente definidas com base no referencial teórico. Em vista disso, a Figura 1 apresenta o objetivo norteador dessas categorias iniciais e as demais categorias definidas com base na análise do *corpus*.

Figura 1 - Categorias iniciais, intermediárias e finais das entrevistas

Categorias iniciais	Objetivo norteador	Categorias intermediárias	Categoria final
Razões	Indicar as motivações da universidade para internacionalizar	<ul style="list-style-type: none"> - Crenças dos envolvidos no processo de internacionalização; - relacionamento dos alunos com um mundo sem divisões geográficas ou culturais; - melhoria do ensino acadêmico; - aumento do prestígio da instituição; - interesse da universidade em investir na internacionalização; - estabelecimento de parcerias; - mobilidade de estudantes e professores; - prover aos alunos uma equipe de técnicos e um corpo docente com competências globais e interculturais. 	Razões para internacionalizar
Impactos esperados	Revelar os fatores/indicadores de resultados da internacionalização	<ul style="list-style-type: none"> - Aprendizagem dos alunos; - aproveitamento das diferenças culturais para aprendizagem mútua como um indicador; - estabelecimento de parcerias - mobilidade de estudantes e professores; - aumento da inserção de elementos globais e interculturais no currículo dos cursos como um indicador; - melhoria da competência em línguas estrangeiras por parte dos alunos, professores e técnicos como um indicador. 	Alcance dos resultados da internacionalização
Desafios	Relatar os principais desafios quanto à internacionalização do Ensino Superior.	<ul style="list-style-type: none"> - Envolvimento efetivo da universidade no processo de internacionalização; - uso adequado dos recursos disponíveis; - obtenção de recursos específicos; - envolvimento do corpo docente no processo de internacionalização; - adequação do currículo para inserção de questões globais (internacionalização do currículo); - competência de professores e alunos em língua estrangeiras; - burocracia institucional para validação de estudos realizados no exterior; 	Ações necessárias para o sucesso da internacionalização

28 A 30 DE OUTUBRO DE 2021

“REDES DE COLABORAÇÃO CIENTÍFICA NO SECRETARIADO: O QUE PODEMOS FAZER PARA A PROFISSÃO DO AMANHÃ?”

		<ul style="list-style-type: none"> - organização da universidade para recepção dos alunos estrangeiros; - conquista de maior respeito em relação às diferenças culturais entre alunos estrangeiros e locais; - conseguir titulação dupla; - definir valores claros sobre como a internacionalização deve ser conduzida e as competências necessárias para isso; - superação dos indicadores de internacionalização apenas quantitativos. 	
--	--	---	--

Fonte: os autores (2017) com base nos dados da pesquisa

Em relação ao estabelecimento das categorias intermediárias, foi possível verificar que as razões para internacionalizar estão associadas aos resultados esperados em relação à internacionalização. Um exemplo, é um entrevistado apontar que uma razão para internacionalizar é buscar aumentar a mobilidade de docentes e professores e outro aponta isso como um resultado. Nesse sentido, as razões representam o ponto de partida para que a universidade inicie o planejamento da internacionalização e visualize os resultados que pretende alcançar. Isso foi evidenciado na transcrição da entrevistada B, que ressalta que antes de planejar qualquer tipo de avaliação de resultados é preciso verificar objetivos desejados e planejar ações para alcançá-los.

É relevante mencionar que, sobre as razões para internacionalização do Ensino Superior, todos os entrevistados souberam elencá-las e a maioria concorda que elas são diversas e dependem do momento que cada universidade está vivenciando. Nesse sentido, considera-se que cada ator do processo de internacionalização prioriza algum tipo de atividade relacionado a esse tema, culminando assim em diferentes razões para internacionalizar. Sendo assim, cabe aos responsáveis pelo gerenciamento da internacionalização definir as principais razões de forma que represente claramente os valores da instituição, conforme ressaltou um dos entrevistados. A partir disso, os objetivos e as metas relacionadas à internacionalização poderão ser estabelecidos em um planejamento formal que assegure o envolvimento de todos os atores do processo.

Quanto aos impactos esperados com a internacionalização, os entrevistados citaram apenas dois indicadores que poderia ser classificados como quantitativos: mobilidade e parcerias. Os demais são fatores de natureza qualitativa, como “currículo internacional”, “aprendizagem dos alunos” e “melhoria da competência em línguas”. Isso revela que fatores qualitativos também estão associados aos impactos esperados, embora as métricas para avaliar esse tipo de resultados não estejam claras ainda, de acordo com os comentários dos entrevistados.

Destaca-se que esses termos se distanciam dos indicadores baseados em números de parcerias e mobilidade, uma vez que são termos relacionados à internacionalização “em casa”, que possibilitam a aquisição de competências interculturais por meio da internacionalização do currículo e integração dos alunos estrangeiros aos alunos locais, por exemplo. Conforme Beelen e Leask (2016), a internacionalização “em casa” é um conceito dinâmico por natureza e representa uma resposta da instituição a questões regionais sem perder de vista o contexto global.

Quanto aos desafios identificados, pode-se afirmar que estão interligados aos resultados almejados pela universidade, pois esses representam o caminho a ser percorrido para alcançá-los. Um exemplo é a adequação do currículo para a inserção de questões globais que, ao final,

tem como resultado a internacionalização do currículo. Além disso, deve haver comprometimento de todos os atores envolvidos no processo de internacionalização para que as atividades não sejam apenas motivadas por iniciativas individuais, mas, sim, da instituição de ensino em toda sua extensão. Para tanto, deve haver a promoção de valores institucionais relacionados à internacionalização, bem como ações efetivas para a institucionalização desse processo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo permitiu compreender a opinião de pessoas responsáveis por escritórios de relações internacionais de diferentes IEs, quanto às principais razões para internacionalizar; os impactos esperados e os desafios à estratégia de internacionalização no Ensino Superior. Diante disso, há possibilidade de se aprofundar o estudo desses temas em cursos específicos, conforme salientam Van Gaalen e Hobbes, (2013) ao afirmarem que faltam iniciativas por parte das instituições de ensino no que se refere aos resultados em termos de aprendizagem de um programa em particular.

Quantas às motivações para internacionalização das IEs, os fatores apontados pelos entrevistados têm características socioculturais e/ou acadêmicas/institucionais, de acordo com a classificação de Wit (2002). Esse autor apresenta quatro grandes grupos para as motivações/razões para a internacionalização das IEs: socioculturais, acadêmicas/institucionais, políticas e econômicas.

As motivações apresentadas estão de acordo com os indicadores de resultados das atividades de internacionalização, pois os entrevistados citaram apenas dois indicadores econômicos, que poderiam ser considerados quantitativos: mobilidade e parcerias. Os demais são de natureza acadêmica/institucional e/ou sociocultural, como “currículo internacional”, “aprendizagem dos alunos” e “melhoria da competência em línguas”. Isso revela que fatores qualitativos também indicam alcance de resultados, embora as métricas para avaliar esse tipo de resultados não estejam claras ainda, de acordo com os comentários dos entrevistados.

A importância de se avaliar aspectos qualitativos dos resultados da internacionalização fica ainda mais evidente quando os entrevistados são questionados sobre quais são os maiores desafios às universidades frente à internacionalização. A maioria dos entrevistados enfatiza a necessidade de maior envolvimento dos atores com as atividades de internacionalização, pois, com isso, haveria a sensibilização de todos quanto à relevância da internacionalização da universidade para a inserção da dimensão internacional ou intercultural no ensino, pesquisa e extensão. Possivelmente, assim, novas formas mensurar os impactos da internacionalização universitária possam ser planejadas, em que a utilização de indicadores qualitativos ofereça um panorama inicial dos impactos da internacionalização esperados que depois possam ser somados aos indicadores quantitativos.

Finalmente, é possível afirmar que a internacionalização também é um reflexo das crenças dos entrevistados e que isso torna esse processo complexo de ser avaliado, principalmente quanto às vantagens que uma IE pode obter ao delinear estratégias nessa direção. Além disso, percebe-se que a utilização de fatores qualitativos para avaliar resultados oferece uma aproximação sobre como a internacionalização é concebida e quais as razões que justificam a busca por resultados de alcance mais abrangente, que evidenciem os impactos às IEs.

REFERÊNCIAS

ALTBACH, P. G. Globalization and the university: myths and realities in an unequal world. **Tertiary Education and Management**, v. 10, n. 1, p. 3-25, 2004.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 10. ed. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2010.

BEERKEN et al. **Indicator for Mapping & Profiling Internationalisation (IMPI)**. European Commission – Education and Culture DG, Holanda, 2010.

BEELEN, J. **The long wait**: researching the implantation of internationalisation at home. Centre for Applied Research on Economics and Management (CAREM, 2015). Hogeschool van Amsterdam, University of Applied Sciences The Netherlands.

_____. Global at home: internationalisation at home in the 4th Global Survey. In: JONES et al. (Eds.). **Global and local internationalisation**. Holanda: Sense Publishers, 2016. p. 55-65.

BEELEN, J.; LEASK, B. Internationalization at home on the move. In: Egron-Polak, E.; MULLER, C.; TEEKENS, H.; LEWIS, P.; GREEN, F. (Edithors). **Handbook Internationalisation of Higher Education**. D 1.2, p.1-24, 2016.

BRASIL. **Ciências sem Fronteiras**: um programa de mobilidade internacional em ciência, tecnologia e inovação. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação. Ministério da Educação. Capes, Brasília, 2011. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/images/stories/download/Ciencia-sem-Fronteiras_DocumentoCompleto_julho2011.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2021.

_____. Ministério da Educação e Ciência. **A democratização e expansão da educação superior no país 2003 – 2014**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=16762-balanco-social-sesu-2003-2014&Itemid=30192>. Acesso em: 20 jun. 2021.

DE WIT, H. Internationalisation of higher education: nine misconceptions. **International Higher Education**, v. 34, summer, p. 6-7, 2011.

IAU-International Association of Universities. **AU-4th- Global-Survey Executive Summary - 2014**. Disponível em: <http://www.iau-aiu.net/sites/all/files/IAU-4th-GLOBAL-SURVEY-EXECUTIVE-SUMMARY.pdf>>. Acesso em: 19 jun. 2016.

KNIGHT, J. Internationalisation: elements and checkpoints. **CBIE Research Paper** n. 7, Ottawa: Canadian Bureau for International Education, 1994.

_____. **Internationalisation of higher education**: a conceptual framework. In: KNIGHT, J.; DE WIT, H. (Edit.). **Internationalisation of higher education in Asia Pacific Countries**, Amsterdam: European Association of International Education, 1997.

28 A 30 DE OUTUBRO DE 2021

“REDES DE COLABORAÇÃO CIENTÍFICA NO SECRETARIADO: O QUE PODEMOS FAZER PARA A PROFISSÃO DO AMANHÃ?”

_____. Gats. **Trade and higher education. Perspective 2003**: Where are we? Observatory Report, May, 2003. Disponível em: <file:///D:/Meus%20Documentos/Downloads/GATS,%20Trade%20and%20Higher%20Education_Perspective%202003%20-%20Where%20are%20we_%20(2).pdf>. Acesso em: 19 jun. 2021.

_____. Internationalization remodeled: definition, approaches, and rationales. **Journal of Studies in International Education**, v. 8, n.1, 2004.

_____. **An internationalisation model**: responding to new realities and challenges. In: DE WIT, H. et al. (Eds.). Higher Education in Latin America – the international dimension. Washington: World Bank, 2005.

_____. **Internationalisation**: concepts, complexities and challenges. In: FOREST, J.; ALTBACH, P. (Eds.). International handbook of higher education (p. 207-208). Dordrecht, Netherlands: Springer Academic Publishers, 2006. Disponível em: <<http://link.springer.com/book/10.1007%2F978-1-4020-4012-2#page-1>>. Acesso em: 18 jun. 2021.

_____. Internationalization brings important benefits as well as risks. **International Educator**. V.16,n.6,p.59-62, 2007.

_____. **Higher education in turmoil**: the changing world of internationalisation. Rotterdam: Sense Publishers, 2008. Disponível em: <<https://www.sensepublishers.com/media/475-higher-education-in-turmoil.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2021.

MOROSINI, M. C. Estado do conhecimento sobre internacionalização da educação superior: conceitos e práticas. **Educar**, Editora UFPR, n. 28, p. 107-124, 2006.

VAN DER WENDE, M. An innovation perspective on internationalization of higher education: the critical phase. **Journal of Studies in International Education**, v. 3, Spring, p.3-14, 1999.

_____. Globalization and access to higher education. **Journal of Studies in International Education**, v. 7, summer, p. 193-206, 2003.

VAN DER WERF, E. Internationalisation strategies and development of competent teaching staff. In: BEELEN, Jos & DE WIT, Hans (Eds.). **Internationalisation revisited**: new dimensions in the internationalisation of higher education. Amsterdam: Centre for Applied Research on Economics and Management (Carem), 2012.

VAN GAALEN, A.; JAN HOBBS, H. **Study on formulating international learning Outcomes**: summary of project aim. Netherlands organization for international cooperation in higher education (Nuffic). Holanda, 2013.